



O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Edenilde de Jesus¹

Adelina Cíntia Santos Silva do Nascimento²

Advanusia Santos Silva de Oliveira³

GT7 - Educação, Linguagens e Artes

RESUMO

A realidade atual exige transformações profundas na prática pedagógica. Em virtude disso, a temática alfabetização e letramento vêm sendo uma preocupação constante na educação e, através desse estudo buscou-se refletir sobre as práticas de ensino da leitura, escrita e compreensão de mundo. O objetivo é fazer uma breve reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem. Enquanto procedimento metodológico foi considerado o critério de classificação da pesquisa proposto por Vergara (2010), quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, adotou-se a pesquisa qualitativa. Quanto aos meios para a obtenção das informações necessárias à fundamentação teórica, a pesquisa utilizada foi à bibliográfica. Constatou-se que o letramento é um procedimento continuado de conhecimento, mas, além disso, é ainda uma ferramenta que desenvolve o pensamento crítico, sendo um manancial de contextos para melhor compreender a sociedade.

Palavras-chave: Alfabetização. Escrita. Leitura. Letramento.

RESUMEN

La realidad actual exige transformaciones profundas en la práctica pedagógica. En virtud de ello, la temática alfabetización y letramiento viene siendo una preocupación constante en la educación y, a través de ese estudio se buscó reflexionar sobre las prácticas de enseñanza de la lectura, escritura y comprensión del mundo. El objetivo es hacer una breve reflexión sobre el proceso de enseñanza-aprendizaje. En cuanto procedimiento metodológico fue considerado el criterio de clasificación de la investigación propuesto por Vergara (2010), en cuanto a los fines y en cuanto a los medios. En cuanto a los fines, se adoptó la investigación cualitativa. En cuanto a los medios para la obtención de las informaciones necesarias a la fundamentación teórica, la investigación utilizada fue a la bibliográfica. Se constató que el letramiento es un procedimiento continuado de conocimiento, pero, además, es todavía una herramienta que desarrolla el pensamiento crítico, siendo un manantial de contextos para comprender mejor la sociedad.

Palabras clave: Alfabetización. Escritura. La lectura. Letramiento.

¹ Graduada em História pela Universidade Tiradentes (UNIT) e graduada em Pedagogia pela Faculdade Integrada de Araguatins (FAIARA). Professora da Educação Básica no Colégio Sorriso Feliz em Nossa Senhora do Socorro-SE. E-mail: jesusdeenilde@gmail.com.

² Especialista em Psicopedagogia. Mediadora escolar do COESI. Professora da Educação Básica no Colégio Sonho de Ícaro. E-mail: dra.adelinacintia@gmail.com.

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Aracaju e Carmópolis-SE. Membro do GEPIED-UFS/CNPQ. E-mail: advanusiaplus@bol.com.br.



1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o ensino da leitura e escrita vem passando por várias mudanças. De um lado, muitos autores vêm desenvolvendo pesquisas e estudos que trazem como objeto de estudo a alfabetização e o letramento. De outro lado, a variedade das práticas pedagógicas dos professores tende a enriquecer o debate sobre as dificuldades da aprendizagem dos alunos em aprender a língua materna.

Ultimamente, a visão integradora do ensino da leitura e da escrita vem ganhando importância, buscando uma sintonia com os novos tempos em que a multiplicidade linguística faz parte do cotidiano dos alunos. Por isso, um grande número de obras aponta para novas práticas de ensino da língua. No entanto, o dia-a-dia das escolas ainda demonstra o uso constante de abordagens conservadoras e tradicionais.

Sabe-se que a leitura está intimamente relacionada ao sucesso do aluno na escola. Para escrever bem, é preciso ler bastante e pensar com clareza, pois esses aspectos devem estar presentes em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Assim, o fato de as dificuldades de compreensão afetar o desempenho diz respeito à linguagem, mas as disciplinas não têm mobilizado para a busca de soluções. Os alunos estão, cada vez mais, chegando à escola sem saber ler e escrever (CAGLIARI, 2010).

Diante do exposto, a realidade atual exige transformações profundas na prática pedagógica. A aprendizagem da língua materna deve ser vista como um processo dinâmico que atenderá o aluno como um todo, proporcionando-lhe condições de formar-se um ser pensante, ativo e participante.

Em virtude da relevância da leitura e escrita no cenário atual, o tema alfabetização e letramento ocupa, hoje, o lugar central na discussão da educação escolar em todo mundo, já que o letramento é fator essencial de consolidação da cidadania.

Alfabetizar não é um ato natural nem sobrenatural, já que milhares de crianças vivem em cidades rodeadas de cartazes, painéis, avisos, jornais, livros, no entanto, a mera proximidade ou contatos com livros não alfabetiza. O processo de aprendizagem da leitura e da escrita comporta uma complexa articulação de processos conscientes e inconscientes. Estudos revelam que sem estimulação apropriada, a criança é incapaz de descobrir por si só a maneira como o sistema alfabético representa a linguagem oral (OLIVEIRA, 2014). Portanto, a tomada de consciência do princípio alfabético requer uma instrução adequada. E é nessa perspectiva, que o papel do professor alfabetizador se torna relevante.



Alguns teóricos como Ferreiro (2005) e Cagliari (2010), por meio de suas pesquisas, sinalizam a importância da alfabetização no processo de letramento, demonstrando uma concepção diferente dos métodos tradicionais de ensino, vendo a alfabetização como um processo de construção do conhecimento, desencadeado pela interação permanente entre o aluno e o objeto de conhecimento. Tal compreensão do processo alfabetizador traz um repensar sobre o ensino da leitura e escrita no ensino fundamental, uma vez que conforme as orientações do Ministério da Educação o processo de alfabetização é contínuo, acontece em todas as séries iniciais do ensino fundamental.

Atualmente, diversas pesquisas vêm focalizando suas análises nos problemas que dificultam o desempenho eficiente do professor alfabetizador, tais como: estruturas das escolas inadequadas, deficiência em recursos materiais, metodologias tradicionais, deficiência na formação docente dos professores, salários defasados dos professores, violência nas escolas, indisciplina, falta de participação da família, entre outros aspectos (MURRIE, 2011; SMOLKA, 2010).

Mas, apesar da existência de um expressivo número de estudos sobre o tema, ainda existem algumas lacunas identificáveis neste campo de pesquisa, aspecto motivador para a realização de mais um estudo. É nesse sentido que converge este artigo, que se propõe a fazer uma breve reflexão sobre o processo de alfabetização e letramento nas séries iniciais do ensino fundamental.

O procedimento metodológico utilizado centrou-se sobre a revisão bibliográfica, na releitura das obras, dissertações, artigos e periódicos que tratam do tema, com ênfase em bancos de dados digitais.

Como hipótese norteadora tem-se a alfabetização e o letramento são elementos importantes para os alunos ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O conceito de alfabetização, por longas décadas, ficou atrelado à ideia de que aprender a ler era necessária apenas a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e de que para aprender a escrever era necessário apenas desenvolver a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos (BIZZOTTO, AROEIRA, PORTO, 2010).



A partir da década de 1980, várias teorias mostraram que o aprendizado da escrita se reduziria ao domínio de correspondência a decodificação e a codificação linguística, mas se caracteriza como um processo ativo, por meio do qual, desde os primeiros contatos com a escrita, a criança construiria hipótese sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita como um sistema de representação.

Conforme Cagliari (2010, p. 17):

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo à alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

Nos últimos anos, as contribuições das ciências da linguagem recobrem, especialmente, a interação das habilidades de leitura e escrita com a prática social, voltando-se ao uso da linguagem escrita, enquanto a psicogenética ajuda a compreender como o sujeito aprende. Pode-se dizer que o conjunto impõe projetos de renovação pedagógica sem esquecer que: “a alfabetização é uma atividade pedagógica, inserida no processo de ensino e aprendizagem de línguas, que tem como escopo munir o cidadão com mais um instrumento de comunicação verbal, a escrita (SARAIVA, 2009, p. 29)”.

Sendo assim, o objetivo da alfabetização é o letramento, ensinando a criança a ler palavras e compreender textos, a partir da leitura dos contextos. Portanto, a aquisição da leitura e da escrita depende de várias competências, como o desenvolvimento da fluência, vocabulário e a aquisição de técnicas de compreensão da leitura. Nesta perspectiva, o letramento é “produto de uma participação ativa em determinada atividade social e produz uma certa disposição; o modo como alguém participa de certa atividade, e, conseqüentemente, a voz que alguém está apto a assumir” (NEY, 2010, p. 240).

Nesta acepção, o eixo das discussões é deslocado para o processo de aprendizagem da leitura e escrita por parte do aluno, em detrimento dos métodos de ensino e da relevância do papel da escola e do professor nesse processo. Para Smolka (2010, p.23), o processo de ensino-aprendizagem da língua escrita na fase de escolarização deve ser entendido como:



[...] um processo discursivo, na medida em que envolve processos interlocutivos que ocorrem nas relações intersubjetivas. Nessas relações, a criança aprende a utilizar a palavra escrita para “dizer” seu discurso interior, este internalizado a partir das relações histórico-sociais que constituem os sujeitos ao longo de sua vida. Portanto, é nas trocas intersubjetivas e mediadas pela linguagem que o papel do outro passa a ser determinante: o processo discursivo supõe o outro como determinante do aprendizado da língua escrita em suas características específicas.

Com base nesses pressupostos, a alfabetização refere-se conjunto de relações envolvidas no processo de ensino e aprendizagem da língua materna na fase inicial de escolarização de crianças, enfatizando-se o ensino como condição de aprendizagem (SMOLKA, 2010).

Nesse sentido, “trata-se de ensinar a utilizar, com gradativa consciência e autonomia, a modalidade escrita da língua, não como valor de produtividade para o sistema” (OSABEKE, 2002, p.76) nem como instrumento de esclarecimento e ilusão de participação política e social, mas como um valor do ponto de vista da constituição do sujeito. Significa espaço de produção da linguagem e constituição de sujeitos.

O processo de alfabetização e letramento inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu progresso de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo à alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo da aprendizagem, sem os sofrimentos habituais (CAGLIARI, 2010).

Dentro dessa perspectiva, é importante que os alunos tenham liberdade de escolher os livros que querem ler. É necessário que eles tenham acesso a todo tipo de material de leitura, de literatura que colabora de forma significativa na formação global da natureza e força estética. Para tanto, a escola precisa abolir as práticas tradicionais de ensino da produção escrita, considerando a oralidade na produção de textos.

Diferentemente dos métodos tradicionais de ensino da língua, Marcuschi (2004, p. 16) diz que é importante considerar que “[...] não são primeiramente as regras da língua os merecedores de atenção na escola, mas os usos da língua, pois o que determina a variação linguística em todas as manifestações são os usos que se faz da língua”.



Tal perspectiva preconizada por Marcuschi (2004) trata-se de um processo comunicacional que exige novos patamares para o ensino da leitura e da escrita na escola, que vem sendo analisado pelos estudiosos de letramento.

Marcuschi (2004) explicita ainda que sob o ponto de vista central da realidade humana é possível dizer que o ser humano é um sujeito que fala e não alguém que escreve. Todavia, isso não implica dizer que a oralidade seja superior à escrita, nem que a escrita é uma representação da fala, já que ela não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade. Contudo, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala. Portanto, oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia.

Smolka (2010) entende que, do ponto de vista da linguagem oral e escrita, faz-se necessário um leitor capaz de apreender o significado dos discursos, ou seja, das variações linguísticas. Comungando desse mesmo pensamento, Bagno (2009) explica que uma das tarefas da escola, ao ensinar a língua, é discutir criticamente os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, a fim de que a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, seja derrubada, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa.

Tendo a concepção de linguagem como principal meio de aprendizagem, acredita-se que o ensino da linguagem escrita deve ser realizado a partir da junção da oralidade, leitura e da escrita, tendo o texto como base, por representar o enunciado completo, um todo carregado de significado que provoca compreensão. Isso confirma o que diz Mortatti (1998 apud SILVA, 2005, p.49), “[...] o texto (discurso) é a unidade de sentido da linguagem e deve ser tomada como objeto de leitura e escrita, estabelecendo-se como conteúdo de ensino, que permite um processo de interlocução real entre professor e aluno”.

A finalidade dos processos inerentes à oralidade, leitura e escrita conduz à mudança nas práticas de aprendizagem da língua. Para tanto, é importante desenvolver uma metodologia que inclui a seleção de diversas obras, bem como, estratégias que permita ao estudante atuar como sujeito da produção e ampliar os conhecimentos acerca da linguagem oral e escrita, eliminando práticas que impedem a construção competente da língua escrita através de fragmentos de linguagem.



2.1 As Práticas de Escrita e Leitura na Escola

Há muitos séculos, a apropriação da Leitura e da Escrita era privilégio da minoria da população. A realização da alfabetização possuía outros objetivos; escrever era uma profissão e quem devia dedicar-se a esse ofício passava por um treinamento rigoroso. Segundo Ferreiro (2010, p.12), “todos os problemas da alfabetização começaram quando se decidiu que escrever não era uma profissão, mas uma obrigação, e que ler não era marca de sabedoria, mas de cidadania”.

Entretanto, a criação de escolas públicas e o direito e o dever da leitura e da escrita não foram satisfatórios para que a alfabetização se tornasse efetiva e acessível a todos. A partir daí os sistemas de ensino passaram a atuar em discordo com a realidade atual, mesmo com a evolução da sociedade, a escola ainda ensinando o processo de aquisição da leitura e da escrita de forma mecânica. Ferreiro (2010, p.13) confirma a ideia ao escrever que:

Desde suas origens, o ensino desses saberes foi entendido como aquisição de uma técnica: técnica do traçado das letras, por um lado, e técnica da correta oralização do texto, por outro. Só depois de dominada a técnica é que surgiram como num passe de mágica, a leitura expressiva (resultado da compreensão) e a escrita eficaz (resultado de uma técnica posta a serviço das intenções do produtor).

As dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita ultrapassam a concepção de que é apenas um atraso que a criança tem na fala, falta de concentração, ou dificuldade para ler e escrever, os problemas de aprendizagem trazem uma série de dificuldades para a criança e se não forem tratadas comprometerão seu futuro.

Por isso, a importância do professor alfabetizador ter um conhecimento consistente dessas dificuldades, suas causas e efeitos, a fim de poder melhor ajudar seu aluno no processo de aquisição da leitura e da escrita, bem como buscar ajuda em outros profissionais.

Cagliari (2010, p.28), esclarece que:

Embora consista em uma representação da fala, a escrita não é uma transcrição dela. Assim, fala e escrita não coincidem, mesmo sendo modalidades da mesma língua, uma vez que cada uma tem as suas próprias regras de realização. Mas elas possuem algo em comum, as regras da língua, que estrutura a fala, também estão presentes na escrita.



No século XXI, as informações, descobertas e a tecnologia estão crescendo a cada dia, é possível imaginar a importância que o conhecimento da leitura e da escrita tem para que se possa compreender e acompanhar a realidade social. E nessa questão fica evidente a importância do conhecimento do professor sobre os processos de aquisição da leitura e escrita:

[...] a leitura e a escrita fazem parte do sistema de comunicação humana e que ambas estão ligadas quer à aprendizagem que à utilização da linguagem [...] podemos afirmar que aprender a ler e escrever, na sociedade moderna, tornou-se como que uma necessidade básica: é fundamental para que nela se possa viver, ser aceito e participar nos recursos que ela disponibiliza (REBELO, 2008, p 39).

Na tradição escolar, as práticas de ensino de leitura nos anos iniciais ainda consistem em oferecer ao aluno apenas textos curtos, construídos com as chamadas famílias silábicas. Nessas práticas, o ensino de leitura centrava-se na mera decodificação do texto. Assim, a grande maioria dos leitores que a escola formou, embora decodificasse textos, mostrava-se inapta a realmente compreendê-los.

Conforme Cavesquisa (2014, p. 56), o conhecimento, atualmente, “disponível assegura que a decodificação é apenas um dos procedimentos utilizados pelo leitor quando lê. De acordo com esse conhecimento, o ato de ler é um processo complexo por meio do qual o leitor constrói um significado”. Assim:

A leitura é um processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir do que está buscando nele, do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do autor e do que sabe sobre a língua (FERNANDES, 2008, p. 38).

De acordo com essa concepção, o objetivo do ensino da leitura na escola deve ser o de formar leitores competentes. Para tanto, os professores precisam obter conhecimentos sobre a leitura e escrita, visando sanar as dificuldades de aprendizagem.

Os professores não podem cruzar os braços frente às dificuldades dos alunos, contudo o aspecto que mais dificulta a prática do professor é a própria desinformação, ou seja, a falta de conhecimentos específicos sobre as dificuldades de aprendizagem, bem como não procurar ajuda profissional, uma vez que o diagnóstico precisa de uma avaliação multidisciplinar como enfatizam alguns estudos.



Ferreiro e Palácio (2008, p.45) aconselham na avaliação das dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita a inclusão de vários profissionais, tais como, psicólogos, neurologistas, fonoaudiólogos e psicopedagogos, que irão avaliar a capacidade de leitura com velocidade, decodificação, memória, compreensão e capacidade intelectual a fim de determinar se a criança é ou não disléxica. Além disso, esses profissionais buscarão sinais que auxiliem no diagnóstico, tais como: baixa estima, dificuldades para soletrar e ler em voz alta, confusão com direita e esquerda, problemas para seguir direções, demora a terminar exercícios de escrita, dificuldades com a matemática, relutância em ir à escola, entre outros.

A formação do professor alfabetizador é o item mais recorrente em pesquisas nacionais, principalmente, a falta de conhecimento sobre dificuldades de aprendizagem, dificultando o atendimento à criança. Além disso, a falta de conhecimento sobre os processos de aquisições da leitura e da escrita pode levar o professor a falsas interpretações.

As pesquisas desenvolvidas em situações reais de aprendizagem comprovam que se aprende a ler lendo. A ideia de que primeiramente o aluno deve aprender o nome e o valor sonoro das letras para, posteriormente, fazer a leitura de um texto deve, portanto, ser abolida. Desde os primeiros anos de escolarização, a criança deve ter acesso ao texto para poder ler, pois construirá esse novo conhecimento em atos de leitura significativa. Daí a necessidade de mesmo antes de as crianças saberem ler, oferecer a elas textos autênticos, diversificados e de boa qualidade. Isso permitirá uma iniciação satisfatória no processo de aprendizagem de leitura. Para tanto, o trabalho deve ser pautado a partir dos gêneros textuais (CAVESQUISA, 2014, p.98).

O saber docente sobre a leitura e escrita, combinado ao conhecimento do modo pelo qual a criança realiza o processo de aprendizagem, abre novas perspectivas para a prática docente. Por sua vez, a falta de conhecimentos sobre esse processo é relatada em depoimentos de alfabetizadores, como um dos principais entraves no processo de alfabetizar. Por essa razão, a necessidade primordial dos fundamentos linguísticos nos currículos de formação do alfabetizador (SARAIVA, et al, 2009, p.62).

Ao longo de sua trajetória profissional, os educadores enfrentam momentos de muitas incertezas, dificuldades e tristezas, pois nem sempre conseguiam ajudar seus alunos de forma satisfatoriamente, uns não participaram o problema às famílias, por isso enfrentaram sozinhos. Com o passar dos anos, a experiência acumulada lhes rende maiores informações sobre as dificuldades de aprendizagem e, estes ampliaram suas estratégias e, hoje, conseguem



melhor lidar com esses alunos, apesar das dificuldades que enfrentam no dia a dia em sala de aula.

Os professores que tem em sua sala alunos com dificuldades de aprendizagem precisam de muito conhecimento, paciência, fortaleza e coragem para ultrapassar as barreiras, pois são grandes os desafios enfrentados em sala de aula. Acreditam os educadores que o sucesso do aluno depende, em grande parte, do envolvimento dos profissionais comprometidos com a aprendizagem de suas crianças, que apresentem ou não dificuldade de aprendizagem.

Tendo em vista as especificidades da leitura, “a escola deve investir inclusive, naqueles alunos cujas condições sociais não favorecem o contato sistemático com bons materiais escritos ou com adultos leitores (VEGA, 2010, p. 112)”.

Em relação ao trabalho com a leitura no início da escolarização, o educador deve estar atento para que os alunos tenham a oportunidade de ler silenciosamente um texto antes de lê-lo oralmente ou realizar atividades de compreensão e interpretação. Na leitura silenciosa, o leitor envolve-se integralmente com o texto, buscando seus significados. Ao ler silenciosamente, a criança pode valer-se de seu próprio ritmo, além de ter a oportunidade de fazer as releituras necessárias ao entendimento do texto (CAVESQUISA, 2014).

Segundo Murrie (2011, p.19), uma nova proposta de ensino não é:

[...] trata de traçar novos objetivos para a escola e para o ensino de Língua, mas de indicar, pela análise e reflexão, como melhorar o desempenho linguístico dos alunos que, apesar das manifestações de intenção e de princípios, a escola não tem conseguido realizar de modo satisfatório. Nessa perspectiva, a escola deve levar o aluno a adquirir o dialeto padrão e praticar a modalidade culta, não apenas por ela ser socialmente aceita e avaliada, mas porque ele terá acesso à tradição cultural escrita.

Quando um aluno das camadas populares entra na escola, lhe é cobrado um comportamento em relação ao que foi ensinado, informado. A escola, quando tenta equacionar as formas de linguagem menos prestigiadas, está informando ao aluno o certo e o errado, e que ele fala o errado. Desse modo, a escola está endossando os preconceitos e as discriminações sociais. Ela tenta substituir a língua que o aluno já fala por outra, a “cultura”, ela fracassa nesta substituição, e continuará fracassando enquanto não perceber que o respeito à fala do aluno é condição primeira para atingir o objetivo mais amplo: ensinar tudo a todos.



Cavesquisa (2014) recomenda ler para as crianças textos que elas ainda não conseguem ler sozinhas com autonomia, pois o professor funciona como modelo de leitor para os alunos.

A perspectiva acima se fundamenta no fato de que, ao entrar na escola, a criança traz consigo uma rica prática de linguagem e uma variedade de experiências. A escola não pode interromper esse processo, deve sim, manter e aprimorar os comportamentos sociais da interação verbal, multiplicando as experiências de atividades discursivas para diferentes propósitos sobre diferentes temas, em diferentes condições de produção e interlocução. Além disso, não pode ignorar a complexidade da linguagem de qualquer criança, independentemente do meio, família de que provém e das experiências linguísticas que tenha vivenciado até então (CAVESQUISA, 2014, p. 65).

Completa Cavesquisa (2014) que é importante está atento também para que, ao oferecer uma leitura às crianças, mobilizar os conhecimentos prévios delas acerca do assunto ou do tema do texto a ser lido, bem como do gênero ou portador a que pertence o texto. As ilustrações, a diagramação e outros aspectos gráficos também devem ser valorizados na interpretação feita pelas crianças.

Portanto, o ensino da leitura e da escrita começa pela construção de relações adequadas para uma mútua interação do professor e dos alunos, para que cada um possa interagir no processo dialógico que é a linguagem.

Isso não significa saber todos os processos fônicos, mas sim os conhecimentos específicos sobre a estrutura e o funcionamento da língua portuguesa para que o professor possa compreender o processo de aquisição da língua escrita, organizar atividades significativas e reflexão sobre a prática, imbricada no conhecimento de como a criança aprende (SOUZA, 2006, p.18). Assim, na tríade professor, aluno e conteúdo, cada componente assume igual intensidade, privilegiando os processos de ensino e de aprendizagem.

Pode-se ainda atribuir os problemas de escrita à falta de leitura levando em conta a situação atual de algumas escolas quanto às condições em que se encontra a biblioteca e seu funcionamento. A falta de leitura tem efeitos sobre a própria linguagem, tanto a falada como a escrita, por sua função metalinguística. Pode-se considerar a leitura como a grande fonte para o aumento do vocabulário e para o aprimoramento da ortografia (SOUZA, 2006, p.19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao finalizar este trabalho, é importante olhar para todo o processo de pesquisa, análise e reflexão sobre a prática do processo de aquisição da leitura e escrita, fazendo algumas considerações finais que o estudo aponta.

Primeiramente, é importante enfatizar que a leitura é um processo de contínuo aprendizado, e é ainda uma ferramenta que desenvolve a reflexão e o espírito crítico, sendo uma fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si mesmo e ao mundo em que se vive. Aprender a escrever não é um processo mecânico, como que revelam estudos sobre as especificidades da aprendizagem da leitura e escrita.

Em segundo lugar, a função do professor alfabetizador é empenha-se para formar leitores e escritores críticos e questionadores, ajudando as crianças que apresentam dificuldades na escrita e na leitura. Sabe-se que são muitas as causas que explicam esse déficit, vão desde o aspecto social, biológico ao aspecto da maturidade. Pode-se ainda atribuir os problemas de escrita à falta de leitura, levando em conta a situação atual da escola pública quanto às condições em que se encontra a biblioteca e seu funcionamento. Pois, a falta de leitura tem efeitos sobre a própria linguagem, tanto a falada como a escrita, por sua função metalinguística. Pode-se considerar a leitura como a grande fonte para o aumento do vocabulário e para o aprimoramento da ortografia. Assim, a estrutura física da instituição escolar é também um elemento pedagógico relevante.

Não faltam hoje pesquisas que apontam para as dificuldades encontradas por professores alfabetizadores em geral em ensinar seu aluno a ser um leitor e escritor, lidando eficientemente com a leitura e a escrita. Esses professores lidam com alunos com problemas de aprendizagem que constitui uma situação real presente nas instituições escolares.

As pesquisas indicam que a alfabetização é um processo contínuo na vida do aluno. E as alfabetizadoras encontram diversas dificuldades no processo de alfabetizar seus alunos, bem como a impasses para manterem em constante formação.

Estudiosos esclarecem que o professor alfabetizador deve conhecer a língua que ensina, tendo além do domínio e das técnicas pedagógicas, conhecimentos sólidos linguísticos. Por conta disso, a formação inicial e continuada do professor é de suma importância, pois é ela que aperfeiçoará sua prática pedagógica. O professor alfabetizador ao ensinar o aluno a ler e escrever precisa construir uma relação efetiva de interação com seus alunos, para que cada um possa interagir no processo dialógico que é a linguagem.

O grande problema recorrente entre os professores alfabetizadores é a falta de valorização profissional e os incentivos para a formação continuada dos professores. A esse



respeito é importante salientar a importância do professor reflexivo e transformador, não se tratam tão somente de mudança metodológica ou de técnicas de ensino, mas sim uma postura crítica e reflexiva, que demanda mudança de postura do professor de ensino em relação ao seu papel.

No contexto da sala de aula, é fundamental compreender que o trabalho do professor alfabetizador se constitui em multiplicar, aumentar e acrescentar os recursos expressivos de que o aluno possui. Assim, no processo de interação com a leitura e escrita, a criança executa um trabalho de atribuição de significados, a partir de sua história e de suas experiências.

Finalmente, conclui-se acrescentando que a aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para os alunos aumentarem suas probabilidades de admissão e de conhecimento nas diversas práticas sociais.

Portanto, a escola ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, tem como função contribuir para a formação cidadã e educativa do aluno para que ele desenvolva habilidades e competências, de modo que o mesmo possa obter um rendimento satisfatório em seu cotidiano refletindo, compreendendo e agindo adequadamente e coerentemente nas atividades e desafios propostos no meio em que vive.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico** – o que é, como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.
- BISSOTO, M. I. ; AROEIRA, M. L., PORTO, A. **Alfabetização linguística**. Da teoria à prática. São Paulo: Dimensão, 2010.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 2010.
- CAVESQUIA, M. P. **Letramento e alfabetização: O ensino da leitura**. São Paulo: Scipione, 2014.
- FERNANDES, M. **Os segredos da alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo. Cortez, 2010.
- FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. São Paulo. Cortez, 2005.
- FERREIRO, E. PALÁCIO, M. G. **Os Processos de leitura escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2008.



MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. São Paulo: Cortez, 2004.

MURRIE, Z. de F. **O ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2011.

NEY, J. **Alfabetização possível**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2010.

OLIVEIRA, J. B. A. **ABC do alfabetizador**. Belo Horizonte: Ed. Alfa Educativa, 2014.

OSAKABE, H. **Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

REBELO, J. A. da S. **Dificuldades da leitura e da escrita**: em alunos do ensino básico. Coleção: Horizontes da Didáctica. Portugal: Edições ASA, 2008.

SARAIVA, J. A. **Literatura e alfabetização**. Do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVA, E. T. da. **De olhos abertos**: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2005.

SMOLKA, A. L. **A Criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA, O. C. **Competências ortográficas e competências linguísticas**. Lisboa: ISPA. UNESCO. Mehlinger, Howard D. Edit. UNESCO, 2006.

VEGA, F.C. **Psicologia da escrita**. Madrid: Editorial Escuela Española S.A., 2010.